

**3º Lugar**

**PRÊMIO PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
PSEUDÔNIMO: ADRIANA BORGES**

## **SONHOS NO ESPELHO**

**Maria Beatriz Mac Douwell da Costa**

**Curso de Mestrado — Filosofia — Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas**

Uma luz pálida se acende no quarto porque a tarde lá fora vai se entregando lentamente à escuridão. Ela observa a lâmina de luz no chão debaixo da porta. Segue até a cozinha, descalça e com muito cuidado para que ele não perceba o menor ruído. Enquanto prepara a sopa, lhe vem o mesmo pensamento: ela seria capaz de deixar de respirar, sustar as batidas de seu coração com as próprias mãos se esses sussurros de vida o incomodassem. Ela sorri. Está feliz porque lhe foi exigido apenas que abolisse o uso dos sapatos e, naturalmente, o uso da fala. Estas pequenas exigências afinal não lhe custavam nada — ela nunca tem vontade de falar. Basta-lhe cuidar dele: sua comida, sua roupa, sua casa. E poder levantar o rosto de vez em quando para admirá-lo, contemplá-lo, nos raros momentos de sua presença distraída. A maior parte do tempo ele passa dentro daquele quarto, no entanto, segue rigorosamente os horários que marcam os intervalos regulares das refeições. Só se alimenta de sopa e parece não perceber que gosto tem, se está fria ou quente. A tarde ela leva uma xícara de chá até o limiar da porta, mas nunca ousou desviar seus olhos para dentro da fresta — uma curiosidade há muito abandonada. Ela ainda se lembra que, na verdade, não foi nada fácil compreender seus estranhos hábitos, acomodar-se à sua disciplina, adivinhar no rosto cada ruga de desgosto ou de consentimento, mover-se naquele silêncio abismal, como um gato. Levou muito tempo, sobretudo do tempo



Ribia Roberta 84

dele. Hoje ela acha graça e quase nem lembra que ela contava o tempo de um modo diferente.

Daqui a pouco aquela porta vai se abrir. Ele sairá com um ar fatigado, e, dirigindo-se à cozinha com o andar arrastado, tomará lentamente a sopa de legumes, mantendo a cabeça sempre baixa e o olhar estancado. Para ela é o pior momento do dia porque não consegue ler nada naquele rosto derrubado, nada além de uma vaga indiferença, uma opacidade vazia. Então ela se perde e logo antecipa um outro rosto que virá com o sol da manhã. Bem cedo, ao entrar naquele quarto, ela poderá vislumbrar o intenso brilho que se derrama do fundo daqueles olhos acinzentados: um brilho indecifrável como a luz que emana dos peixes abissais. As vezes, sob a fronte sulcada, ela decifra touros incontidos: no olhar, um brilho feito facas que vão atravessando tudo, que em nada se detém — como guerreiros alucinados que avançam suas espadas em busca de estranhos combates em regiões distantes, ignoradas. Outras vezes, porém, na feição sempre atormentada ela observa uma inquietude que parece mais pássaro que espada: uma luz que vai pousar em algum lugar muito além das coisas. Ela não precisa demorar seus olhos nos olhos dele para entrever todas as promessas que eles contêm — olhos que nunca se voltaram para ela porque foram feitos somente para sonhar. Como a divindade, ele é um artesão de sonhos: cria mundos insuspeitados. Ela nunca saberá se esses mundos se tecem de cores ou se armam em palavras. Aquela porta estará sempre fechada para ela. Quando ele a fecha atrás de si, ela se deixa ficar ali por algum tempo, sentada junto à porta, imaginando as figuras mágicas que começam a se agitar em festa, desejando às vezes ser subitamente sugada para dentro, arrebatada quem sabe por algum guerreiro distraído que a fizesse rainha dos fantasmas do seu senhor. Mas não. Isto nunca acontecerá. E, além do mais, ela sabe que seu destino é mais nobre que o de uma rainha. Ela se levanta e procura inutilmente lembrar-se de uma canção. Ouve ao longe uma melodia e reconhece o trinado alegre de um pássaro. No início — provavelmente há muito tempo — foi difícil não conseguir mais se lembrar do som de sua própria voz — era mover-se como

um cego dentro de si mesmo. Mais tarde ela compreendeu que o silêncio e a disciplina eram imprescindíveis. Era preciso esvaziar progressivamente a realidade, criar um vácuo cada vez mais perfeito, de modo que nenhum ruído, nenhuma palavra viesse interromper aquele sonho continuado. Ela compreendeu e logo se tornou cúmplice. Descobriu que o sentido último da sua vida era cuidar para que alguém não pare nunca de sonhar. Desde então deixou de se sentir escrava de uma absurda fatalidade, como ousara sentir nos primeiros dias do casamento. Agora, era a cúmplice, fiel e muda, de uma causa maior que o amor.

Ela nunca viu ele sorrir, mas pode imaginar seu sorriso quando, da janela, admira o vôo de um bando de pássaros riscando o céu —

pássaros disparados  
no fundo do céu claro.

Repete para si estas palavras, degustando-as bem devagar. E lembra que são as palavras que estavam nos olhos dele esta manhã.

Ele acaba de abrir a porta — já é noite. Com o andar arrastado ele caminha até a cozinha. Toma lentamente a sopa de legumes mantendo a cabeça sempre baixa e o olhar estancado. Sobre a mesa, os braços naufragados. Sentada diante dele, ela acompanha o eterno movimento da colher à frente do rosto que se esconde. Contempla demoradamente aquela sombra e esboça por dentro um sorriso. Ela está feliz porque não espera nada. A não ser um novo sonho que vem sempre que aquela porta se fecha. Porque os dias podem ser iguais, mas os sonhos não.